

5985
pp

DISSERTAÇÃO MEDICO-PHILOSOPHICA

SOBRE

AS CAUSAS E SÉDE DO SUICIDIO.

THESE

QUE FOI APRESENTADA A' FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO, E SUSTENTADA
EM 5 DE DEZEMBRO DE 1843,

POR

Bernardino José Rodrigues Torres,

NATURAL DO RIO DE JANEIRO,

FILHO LEGÍTIMO DE

MANOEL JOSÉ RODRIGUES TORRES,

DOUTOR EM MEDICINA PELA MESMA FACULDADE.

Celui qui feint d'envisager la mort sans effroi, ment, tout homme craint de mourir, c'est la grande loi des êtres sensibles, sans la quelle toute espece mortelle serait bientot destruite.

J. J. ROUSSEAU.



RIO DE JANEIRO,

TYP. IMPARCIAL DE FRANCISCO DE PAULA BRITO.

1843.

FACULDADE DE MEDICINA

DO RIO DE JANEIRO.

DIRECTOR

O SR. DR. JOSE' MARTINS DA CRUZ JOBIM.

Lentes Proprietarios.

OS SNRS. DRS.

1.º ANNO.

| | |
|---|---|
| <i>Francisco de Paula Candido</i> | Physica Medica. |
| <i>Francisco Freire Allemão</i> | { Botanica Medica, e principios elementares de Zoologia. |

2.º ANNO.

| | |
|---|---|
| <i>J. Vicente Torres Homem</i> | { Chimica Medica, e principios elementares de Mineralogia. |
| <i>José Mauricio Nunes Garcia</i> | Anatomia geral, e descriptiva. |

3.º ANNO.

| | |
|---|--------------------------------|
| <i>José Mauricio Nunes Garcia</i> | Anatomia geral, e descriptiva. |
| <i>L. de A. P. da Cunha</i> | Physiologia. |

4.º ANNO.

| | |
|---|---|
| <i>Luiz Francisco Ferreira</i> , Presidente. .. | Pathologia externa. |
| <i>Joaquim José da Silva</i> , Examinador. .. | Pathologia interna. |
| <i>João José de Carvalho</i> | { Pharmacia, Materia Medica, especialmente a Brasileira, Therapeutica, e Arte de formular. |

5.º ANNO.

| | |
|--------------------------------------|---|
| <i>Candido Berges Monteiro</i> | Operações, Anat. topograph, e Apparelhos. |
| <i>Francisco Julio Xavier</i> | { Partos, Molestias das mulheres peçadas e pari- das, e de meninos recém-nascidos. |

6.º ANNO.

| | |
|---|--|
| <i>Thomaz Gomes dos Santos</i> , Examinador | Hygiene, e Historia da Medicina. |
| <i>José Martins da Cruz Jobim</i> | Medicina Legal. |
| 2.º ao 4.º <i>Manoel Feliciano P. de Carvalho</i> . | Clinica externa, e Anat. patholog. respectiva. |
| 5.º ao 6.º <i>Manoel de Valladão Pimentel</i> ... | Clinica interna, e Anat. patholog. respectiva. |

Lentes Substitutos.

| | |
|---|-------------------------------------|
| | { Secção das Sciencias accessorias. |
| <i>José Bento da Roza</i> , Examinador. | { Secção Medica. |
| <i>Antonio Felix Martins</i> , Examinador.... | { Secção Cirurgica. |
| <i>Domingos Marinho de Azev.º Americano</i> . | |
| <i>Luiz da Cunha Feijó</i> | |

Secretario.

Dr. Luiz Carlos da Fonseca.

Em virtude de huma resolução sua, a Faculdade não approva, nem reprova as opiniões emitidas nas Theses, as quaes devem ser consideradas como proprias de seus autores.

AOS MEUS PREZADOS PAIS

TESTEMUNHO DE GRATIDÃO E AMOR FILIAL.


Aos meus generosos Irmãos e melhores Amigos

E EM PARTICULAR

AO ILL.^{mo} E EX.^{mo} SNR. JOAQUIM JOSÉ RODRIGUES TORRES.

Senhor,

Deos, e depois Vós.



AO MEU INTIMO E PRECIOSO AMIGO

O ILL.^{mo} SNR. ANTONIO JOSE LEITE FERREIRA GUIMARÃES.

AO MEU RESPEITAVEL MESTRE E BOM AMIGO

O ILL.^{mo} SNR. DR. JOAQUIM VICENTE TORRES HOMEM.

31

DISSERTAÇÃO

MEDICO-PHILOSOPHICA.

CAPITULO I.

AMOR DA VIDA.

A cadeia dos seres organizados, desde o mais infimo até o animal, que occupa o lugar mais subido da escala zoologica, huma propriedade se encontra de commum em todos elles, propriedade que estendendo-se a todos os viventes, se não presta a modificação alguma, e os confunde; pois, com quanto a methaphisica ensaie estudadas frases por cercear-lhe os attributos, a natureza, indicando meios facéis e seguros de estudal-a com acerto, facilita-nos a differença dos animaes, e se oppõe á idealidade com que a philosophia de todos os seculos os tem separado. Com effeito a *força vital* anima a vegetação, e constitue o sentimento e acção do animal; mas he no homem, primeiro anel da criação visivel, que se ella ostenta em todo o vigor e perfeição, e de todas as creaturas nenhuma achamos com reunião tão completa de quasi todas as forças vivas do Universo. Assim que, he natural, pois possui em tão eminente grão esta qualidade, a prese sobre tudo, e que a idéa de viver o predomine mais que qualquer outra. Na verdade nada tem tanto imperio sobre o homem, nem o determina a tão grandes sacrificios, como o desejo de conservar a vida, e de salval-a em hum momento de perigo. Privado de gozos, victima de dôres, sepultado em masmorras, o homem ainda assim ama a existencia, e nada menos he preciso que a destruição de seus mais delicados orgaos, e a extincção total da consciencia para que a vida se lhe torne indifferente ou odiosa: tão sabia e sublime he a união pela natureza estabelecida entre a existencia e o amor da vida, esse pasmoso instincto, o mais seguro penhor da felicidade dos individuos, e da estabilidade social!

Do que levamos dito se deduz a impossibilidade de abstrahir do homem o amor da vida, que lhe he essencial; deducção, que parece encontrar os numerosos factos de huma enfermidade particular do nosso seculo — a propensão ao suicidio — objecto de nossa these. E como discordamos da opinião dos autores, que tem tratado deste ponto, — opinião que, a nosso ver, de alguns factos capciosos tira ilações menos exactas, cumpre explicar aqui mesmo essa nossa supposta contradicção: tarefa que, quanto em nós cabe, procuraremos desempenhar, pois della pende a idéa capital de nosso trabalho.

He innegavel que nos volumes da pathologia apparece huma nova enfermidade — nova, dizemos, em razão de seus progressos (*) — caracterizada pelo desapego da vida e tendencia á destruição; e sendo não menos certo, que na mór parte dos casos melhor averiguados o influxo das paixões constitue esse terrivel estado anormal, he tambem cousa sabida que na organização morta e não na viva, estuda a sciencia o modo de acção destas causas, não desacoroçoada ainda com os muitos desmentidos que á sua pretensão oppõe a experiencia — pretensão que nada menos importa que assentar na materia morta a sede desta enfermidade incontestavelmente vital. Nós, porém, que julgamos a questão de diverso modo, crêmos forçoso descer á minuciosa narração dos factos, de cujo exame se collige que o suicida se dá á morte pelo muito que ama a vida; dest'arte desaparecerá a contradicção, e deprehender-se-á, que só na força vital, e por consequinte no instincto da vida existe a sede do suicidio, que se julga organica.

Nos mesmos escriptos de alguns desgraçados, victimas de morte voluntaria, achão-se expendidos com toda a veracidade os motivos de sua criminosa resolução: a judiciosa estatistica moral, recentemente apresentada por Mr. Guerry á Academia Real das Sciencias de Paris, mostra a toda a luz que o mais depurado egoismo, ladeado de todas as paixões, he o principal móvel do infeliz calculo, que dá lugar ao estado morbido de que tratamos. Sem duvida o ambicioso, que só cura de honras, que só de gloria se alimenta, rasga com mão homicida o proprio peito, apenas vê seus idolos derrubados: fazei, porém, despontar risonha a fugitiva esperanza, e vel-o-eis restituído ao amor da vida. Aquelle que he victima de amor porque suas offerendas não são accitas da divindade que adora, ou porque má fortuna lhe põe estorvos, morre phantasiando melhor vida. O avaro que respira a atmospheria do interesse, morre asphyxiado se lhe falta esse manancial de vida, mas ponde-o em seu elemento, e vereis que não ha vida que lhe baste. Procura o bravo Aristodemo a desejada morte nos perigos e combates, mas sabemos que recusando bater-se em Thermopylas, se havia coberto de opprobrio aos olhos de seus concidadãos, e a vida glóriaosa tinha para elle expirado. Regulo vae buscar

(*) No espaço de 60 annos o suicidio produi o em Inglaterra tantos estragos como a pneumonia.

em Carthago inevitavel morte, porque teme a deshonra entre os Romanos, e o activo republicano não se arranca as entranhas, senão depois de porfiada luta entre o orgulho e o amor da vida. Vede o virtuoso Codro, comprando á custa do proprio sangue a victoria do seu exercito, e reconheceres nelle o acerrimo sectario da metempsychose. Socrates resigna-se a morrer, porque entende impossivel vida honrada, onde a lei se não respeita. Ajuntem-se a estes muitos outros factos de individuos que por medo, pusillanidade ou remorsos se privão da existencia, e ainda se verá que a causa constante que os leva a se destruirem he o nimio amor da vida: e de certo não a desama aquelle, que, por fugir á morte, se expõe a ella; o covarde, que expira por acabar seus infundados receios, nem o perverso arrependido, para quem nunca vem tarde o merecido castigo de seus crimes.

Individuos, porém, ha que se suicidão por não ter forças para manter a vida, e neste caso estão aquelles que tendo esgotado na sensualidade, e no gozo immoderado dos prazeres todos os germes da vitalidade, se dão a morte, porque incapazes de saborear as impressões agradaveis, que constituem a verdadeira existencia, outros laços não veem entre si e o mundo que habitão. Mas, si facil nos foi provar que, quando as paixões imperão, quando no homem he tudo força e actividade, o instincto da conservação por tal modo se perverte, que o misero se mata por amor da vida, menos difficil he de conceber, que se elle prive da existencia no momento em que a ausencia das paixões he annunciada pela extincção quasi completa das forças vitais—quasi completa—pois si algumas centelhas de vida lhe restão, convergem estas ao coração para sentir sua desgraça e chorar seus passados prazeres; e então, como sempre, esse instincto he o ultimo que o abandona.

Dos factos, que acabamos de analysar, tambem se depreheende que na força vital, e por tanto no instincto, que della resulta, se deve reconhecer a sêde do estado morbido, que dá lugar ao suicidio. Outros raciocinios, que com estas deducções nos levarão a tal conclusão, reserval-os-emos para outro capitulo.

CAPITULO II.

CAUSAS DO SUICIDIO.

A vida humana corre constantemente tres periodos mui distinctos e diversos, e no meio das impressões, o homem alternadamente goza, soffre ou descança; a demasiada duração de qualquer destes estados occasiona enfermidades, a exclusiva permanencia aproxima-se da morte. As sensações agradaveis de mistura com as penosas e gradualmente succedidas de descanso constituem o bem estar; a persistencia desta harmonia he a necessaria condição de saude; a desordem na successão destas alternativas tem por consequencia o estado pathologico. Isto posto, antes de especificar as causas, que são capazes de produzir a propensão ao suicidio, vejamos como em geral todas ellas se comportão na economia. Todo o orgão e systema tem sua missão especial, mas as funções, encarregadas a cada hum delles, convem no mesmo fim; porque ha hum nexo geral que os liga— o systema nervoso—: porem sendo as funções o resultado da actividade, e não se dando esta em hum orgão isolado faz-se mister huma força geral, a cuja influencia deya a sua acção cada hum dos orgãos em particular e todos em geral— tal he a força vital. Por onde facil he de conceber que hum vicio organico, ou a lesão thraumatica de hum orgão qualquer, alterando-o de modo que não possa ser directamente influido pela força vital, pôde esta ser ahi coartada, e reagir sobre as forças geraes de modo que desta nova maneira de ser resulte a propensão ao suicidio: vice-versa, si a força vital fôr em demasia para todo o organismo, ou qualquer orgão, pôde igualmente modificá-lo, e contribuir para o mesmo fim. Assim comprehende-se como a dor moral e as paixões são as causas mais constantes do suicidio; porque embora qualquer orgão seja primitivamente lesado he sempre necessario que a força vital se resinta da lesão, para que da acção das causas resulte o estado morbido que nos occupa; entretanto que as paixões obrão directamente sobre ella. Agora que havemos indicado como cada huma das causas, e sobre tudo as paixões affectão a economia a ponto de levar o homem a tentar contra sua propria existencia, concebe-se que estas causas podem variar tanto como as mesmas lesões do organismo.

Em extremo varião as causas que podem levar o homem a suicidar-se; inherentes ou alhêas de sua constituição, ellas predispõem ou occasionão; são directas ou indirectas: algumas, porém, ha, que em todos os tempos e lugares tem a particularidade de inspirar o desejo de pôr termo á existencia, e outras, que por sua acção geral explicão grande numero de suicidios em certos paizes: passemos a consideral-as nesta ordem,

Causas predisponentes.— Entre estas contão-se a educação, a influencia hereditaria, temperamentos, idades, sexos, climas e estações.

Educação.— A educação dos meninos mal dirigida pôde predispor-os para as molestias mentaes: dous extremos igualmente perigosos devem-se evitar,—estulta condescendencia— e severidade sem limites. A victima de nimia severidade contrahe quasi sempre hum humor frio e concentrado, predispõe-se para a melancolia, e a influencia desta causa he de certo mais funesta, si acerta com individuos por natureza sombrios e timoratos. As reprehensões amargas, os castigos deshumanos, e ameaças continuas, exasperão o character, produzem inclinações perversas, e levão não poucas vezes a infeliz mocidade á alienação mental, caracterizada pela tendencia ao suicidio. Hum systema opposto de educação pôde ter os mesmos resultados. A experiencia quotidiana mostra que huma educação effeminada torna os meninos impertinentes, irasciveis, e imperiosos em seus desejos: costumados desde a infancia a ser prevenidos em todas as suas vontades, e satisfeitos em seus caprichos, quando adultos, a menor contrariedade, o mais insignificante infortunio os torna suicidas. Mais digna de compaixão he ainda a sorte das miseras mulheres, e aqui não podemos deixar de lastimar nossas jovens patricias, cujos pais e maridos, descuidando-se de enriquecer-lhes a intelligencia, procurão-lhes musicas, bailes, theatros, danças, como passa-tempos os mais proprios de excitar-lhes a vivacidade, e prodigalizando nestas futilidades tempo e fortuna, deixão á seducção o cuidado de formar-lhes o coração. Nem se diga que somos exagerado quando asseveramos que de tal educação deve resultar alem de outros inconvenientes a propensão ao suicidio. Mr. Roubaut, em suas dissertações sobre a melancolia, afiança ter conhecido huma mulher, que sentira, em tres épocas differentes, violentas commoções do systema nervoso, seguidas de tendencia ao suicidio, occasionadas por duas ou tres arias da Opera Nina.

Influencia hereditaria.— Em poucas molestias a influencia hereditaria se faz sentir com tanta evidencia, como no suicidio: os numerosos factos citados pelos autores, que tem escripto sobre esta materia, não deixão duvida a este respeito. Mr. Falret diz haver tratado no hospital da Salpêtrière de huma mulher que repetidas vezes tentara afogar-se, cuja irmã havia morrido deste modo: o mesmo autor assevera ter sido testemunha de muitos outros factos, e delle tambem colhemos que hum individuo, á vista do cadaver do seu irmão suicidado, exclamara « cruel fatalidade! meu pae e tio se matarão, este infeliz acaba de imital-os, e eu tambem quantas vezes tenho resistido á vontade de afogar-me no Sena! » Mr. Esquirol cita muitos casos desta natureza; e MM. Gall e Spurzain apoião com grande numero de outros a mesma proposição. Rusch, em seu tratado *of Insanity*, refere que dous capitães gêmeos se matarão em diversos lugares quasi ao mesmo tempo: sua mãe era alienada, e duas

irmãs tinham por vezes tentado suicidar-se. Voltaire falla de hum pae e dous filhos, que se derão a morte na mesma idade. Que de conjecturas não suggerem estes factos? como os engenhos abalisados, que tanto tem aperfeiçoado a sciencia de Hippocrates, não lhes tem dado a merecida importancia? como delles se não tem aproveitado para esclarecer o diagnostico das molestias?

Temperamentos.—Os factos, e a opinião geral convêm em designar os temperamentos sanguineo e bilio-nervoso, como os mais favoraveis ao apparecimento da melancolia suicida: e accrescendo que são estes os que mais se prestão ao desenvolvimento das grandes paixões, observa-se tambem que os individuos, que os possuem, mui facilmente se irritão, e a menor contrariedade os abate; d'onde procede que muitas vezes nestes movimentos de impaciencia, se dão a morte; e isto, quanto a nós, sobra para explicar a terrivel influencia desta causa.

Idade e sexos.—A tendencia ao suicidio varia consideravelmente, segundo as idades, o que facilmente se presente, attendendo ás mudanças porque passa o organismo; assim que, he mui rara na infancia, onde quasi nunca ha excesso de forças, e as paixões se limitão a satisfazer as necessidades reaes: nota-se não poucas vezes na adolescencia, e então o vago das paixões nol-a explica: he mui frequente na idade viril, e que outra quadra da vida offereceria condições mais proprias para occasional-a? nesta época nascem os cuidados, abre-se o campo a todas as paixões, as necessidades facticias succedem ás reaes, e o homem precisa para bem existir de tantos elementos de felicidade, quantos são as chimceras, em que a vivacidade de sua imaginação faz consistir o bem estar!! os obstaculos, que constantemente se oppoem á satisfação de seus desejos, occasionão a dôr moral, a qual dá razão do grande numero de suicidios nesta idade. Na velhice poucas vezes as paixões estão em des-harmonia com as forças, e os velhos, não obstante alguns suicidarem-se, são no occaso da vida tão avaros de existencia como de dinheiro. Os sexos tambem considerão-se como causas predisponentes, e as mulheres, ainda que mais sujeitas á melancolia, com tudo menos vezes recorrem ao suicidio: a proporção entre ellas e os homens he de 1 para 3, segundo os melhores observadores.

Climas e estações.—Sobre-maneira se exaggera, a nosso ver, a influencia dos climas nos casos de morte voluntaria; essa opinião parece apoiar-se nos escriptos de alguns autores respeitaveis, que a sustentão, reputando os climas causa da proporção dos suicidios em certos paizes: he sem duvida para admirar, que nas mudanças, que diversas causas accidentaes tem operado nesses paizes, não tenham elles firmado as bases de seus raciocinios: em verdade si sempre que se suppõe causas permanentes, se devem dar effeitos constantes, em nós não cabe, a não acreditarmos que tenham mudado os climas da Italia, da Inglaterra, da França, e outros paizes, ex-

plicar porque, sendo hoje frequente o suicidio na Inglaterra, elle era desconhecido neste mesmo paiz na época da conquista de Julio Cesar — porque os Italianos do seculo actual não se vão suicidando, como o fizeram grande numero de seus maiores, depois da batalha de Pharsalia — porque o suicidio, ha poucos annos, se tem tornado tão commum na França. Mas si neste ponto divergimos dos autores, não deixamos de convir que o clima, tendo muita influencia sobre os temperamentos, e constituições, deve influir de algum modo na producção do suicidio. Pelo que respeita as estações, concordão todos que o estío e o outono são as que mais o favorecem, e firmão esta opinião em muitos factos.

Causas occasionaes directas. — Havendo deixado antever em algumas de nossas considerações, que mui raro as causas physicas são de per si sós capazes de alterar a economia de modo, que o homem tente contra os seus proprios dias, cumpre mostrar quaes são as que podem dar esse resultado, e como ellas o produzem. Quanto á primeira parte do nosso empenho, facil nos he satisfazel-a; os factos vem em nosso abono, e os melhores observadores de unanime accordo apontão as paixões, como as causas occasianaes de quasi todas as molestias mentaes; o segundo porém, não pertence aos factos, nem está na alçada da anatomia pathologica; entretanto todo aquelle que trata de causas directas de huma enfermidade põe-se na restricta obrigação de marcar o lugar da economia, em que se fazem sentir os effeitos morbidos. Mas, bem que ainda o não tenhamos feito, supponhamos por emquanto provado que na entidade material que se harmonisa com o organismo para dar em resultado a vida, reside este estado morbido — ~~convenhamos tambem, que quando nos orgaos submettidos á autopsia se não achão lesões, que expliquem a causa da morte, mais arbitrario he dizer-se que ella deve residir na textura de tal orgão, que por delicada se torna inacessivel a nossos sentidos, do que fazel-a assentar em algum dos elementos da vida, que pelos seus effeitos não deixam duvidar de sua existencia.~~ Isto posto, estudemos o modo de acção das paixões e ver-se-ha, que a nossa theoria he a unica, que se ajusta com os factos, e que todo aquelle que as considera como causas directas de huma molestia qualquer, tacitamente reconhece na degeneração do principio vital a origem da mesma molestia.

O calorico, a electricidade, e o magnetismo são elementos indispensaveis da vida: estes agentes, espalhados proporcionalmente pelos orgãos e systemas, nol-a explicão. Os corpos externos são os estímulos da acção vital, e as impressões delles sobre os nossos sentidos a entretem: todas as vezes que hum corpo qualquer exerce impressão sobre huma parte do nosso, esta nos he transmittida, e elle estimula com maior ou menor força os agentes da acção vital, existente neste ponto; deste estímulo resulta maior ou menor actividade nas funcções — actividade, que na mesma proporção se manifesta na economia, e dest'arte se põe em jogo todas as forças vitaes. Si a impressão he proporcional ás forças e á constituição organica, resulta o bem estar,

e sentimento de satisfação para toda a economia: nestas condições si hum obstaculo qualquer vem oppôr-se á continuação deste jogo, de sorte que as novas impressões não estejam em relação com as forças, resulta o mal estar e hum accrescimento de acção local, que, estreitamente subordinada ás acções geraes, concorre para o mesmo fim, e esse accrescimento de forças, e esse excesso de acção, he, em nosso sentir, mais que sufficiente para, em certas circumstancias, e em determinados casos, occasionar a tendencia á destruição pessoal. Não especificaremos cada huma das paixões que deste modo pôde obrar: todo o mundo tem mais ou menos experimentado seus effeitos; e além disso as poucas paginas consagradas a huma These e a escassez do tempo não permitem longos desenvolvimentos. O amor infeliz, o ciume, a ambição illudida, e o orgulho humilhado, vem em primeira escalla; a vergonha, o medo, e os remorsos não são tão funestos em suas consequencias. O amor, o ciume, &c., exprimem diversas condições da economia, e o mal estar, consequencia dellas, pôde algumas vezes dar lugar ao suicidio, quando obstaculos invenciveis vedão que ellas se colloquem em melhores circumstancias.

Não deixaremos porém de tocar em certo estado da economia, em que ha tendencia ao suicidio, sem que as impressões externas venhão chocar nosso corpo; he este estado, que os autores denominão — o vago das paixões: — o curto espaço, em que he força limitar o nosso trabalho, não nos consente referir por extenso o episodio de Renato, extrahido dos antigos Natchez pelo autor do Genio do Christianismo; mas diremos quanto baste para provar que estes e outros factos identicos apoião a nossa These.

Renato havia, ainda menino, perdido a mãe, e até 16 annos foi creado por pessoas mercenarias; tinha o humor impetuoso, o character desigual, timido e constrangido diante de seu pae, não achava prazer senão junto de Amelia, sua irmã mais velha hum anno, fóra deste caso, julgava-se infeliz, sem saber donde lhe vinha a infelicidade. Foi-lhe necessario deixar a casa paterna, e não se achando bem na de hum parente para onde fóra, procurou viajar para distrahir os impulsos ao suicidio, que lhe haviam apparecido com huma tristeza habitual; nada lhe valeo este meio, e voltou a ter com a irmã, em cuja companhia só achava a vida agradável. Tendo por vezes os interesses de familia separado hum do outro, coincidia esta separação com novos impulsos ao suicidio. Amelia, que por distrahir seu irmão de hum dos accessos, tinha tornado á sua companhia, deixa-o repentinamente para entrar em hum convento. Este inesperado successo resolve Renato a pôr termo á existencia, e vae pela ultima vez despedir-se da irmã: então conhece que o motivo, que a decidira a retirar-se tão precipitadamente, era uma paixão criminosa por elle mesmo, acompanha-a em seus sentimentos de amor; mas conhece os obstaculos, que se lhe oppoem: entretanto a tendencia ao suicidio desaparece, apenas se vê realmente infeliz. — Neste caso a energia vital, carecendo de impressões fortes, deu lugar á melancolia suicida, em quanto não houve hum mal mui real, em que se ella empregasse.

Causas occasionaes indirectas.—Persuadimo-nos que á frequencia e energia destas causas se tem dado demasiado valor, e ainda assim he quasi nenhuma a sua proporção comparada com as causas occasionaes directas.

Bebidas alcoolicas.—Grande influencia attribuiu-se ao abuso das bebidas alcoolicas, e factos mal observados sustentarão algum tempo esta opinião; mas conheceu-se ao depois que nestes casos podia-se constantemente remontar a huma affecção moral, verdadeira causa do suicidio.

Syphilis e mercurio.—Cremos igualmente exagerada a influencia da syphilis e do mercurio, pois ainda que muito influão sobre o systema nervoso, julgamos com tudo que o apparecimento frequente do suicidio em mulheres mundanas não he força bastante para dal-os como causa poderosa; porque outras mais plausiveis nos depara o viver destas desgraçadas. A mór parte não se entrega a libertinagem, senão depois de haver soffrido desgostos e privações no seio de suas famílias, e he quasi sempre a miseria e a necessidade absoluta quem as lança em vida tão vil: huma vez entradas nesta carreira percorrem todos os grãos do vicio, e estragão o physico e o moral com toda a sorte de excessos: velhice prematura as acomette; a vaidade, já não lisongeada por homenagens, lhes não presta motivos de consolação; e opprimidas finalmente pelos remorsos e arrependimento tornão-se suicidas. Tão poderosas julgamos estas causas, que nos he grande admiração que vida tão desregrada não tenha constantemente o mesmo fim.

Opio.—O excessivo uso do opio, diz Thunberg, torna algumas vezes os Indios tão furiosos que se batem e procurão matar-se reciprocamente; Mr. Olivier observou que este narcotico embrutece, produz nos individuos, que abusão d'elle, um emmagrecimento extremo, e exhaure por fim todas as fontes da vida. Não desconvimos que o abuso do opio, excitando fortemente o systema nervoso, pôde atacar o principio da vida, e dar lugar ao suicidio; mas crêmos que algumas outras causas moraes, a que não derão attenção os viajantes, melhor nos devem explicar esse funesto resultado.

Dôr physica.—Soffremos de ordinario mais facilmente a dôr physica que a dôr moral, e seus effeitos são menos promptos, porque obra indirectamente sobre o principio da vida. Não obstante, casos ha de individuos, que se matão no excesso della. Servio, o grammatico, envenenou-se por não poder supportar as dôres da gotta. Cornellio Ruffo deixou-se morrer de fome pelo mesmo motivo na idade de 67 annos. Silvio Italico suicidou-se do mesmo modo, em consequencia de hum abcesso incuravel. Zenon tentou suicidar-se na força da dôr, que lhe fazia sentir hum dedo esmagado; e Seneca diz que hum catarrho chronico, que padecia desde a infancia, o teria

decidido a matar-se, si o amor filial o não prendesse á vida para amparar seu pae, cuja velhice carecia de seus soccorros. O philosopho Speusippus soffria de huma hydropesia antiga, e sahindo huma vez a passear, acertou de encontrar a Diogenes, a quem saudou. *A ti não saúdo eu*, respondeu o cynico, *a ti, que ainda te deixas viver em tão miseravel estado.* E alguns dias depois tinha-se o philosopho suicidado! Mas explicar-nos-á a dôr physica esta morte? He tambem de observação que os leprosos, e os affectados de escorbuto são sujeitos á melancolia suicida; e citão-se além destes muitos casos de individuos que no excesso de dôres agudas, como as do cancro, cephalgia, &c., conspirão contra a propria existencia.

CAUSAS GERAES.

Os governos, fanatismo e seitas são as causas geraes, que mais influem para produzir o suicidio.

Os governos.—Não podemos alcançar até que ponto podem ter influencia os systemas governativos; mas a historia nos não permite concordar com os autores, que julgam os governos não representativos menos favoraveis ao apparecimento desta molestia. Firmão elles sua opiniao em que, sendo as paixões as causas mais frequentes do suicidio e achando neste regime obstaculos ao seu desenvolvimento, dão menos vezes occasião a que elle appareça. Mas, por ventura não foi, quando este systema começou em Roma, que, melancolia suicida se desenvolveu de hum modo espantoso? Os Japonezes, governados pelo mais ferreo despotismo, não são o povo, que menos presa a vida? Os Africanos entre nós, sujeitos ao mais duro captiveiro, não matão-se muito mais que os homens livres, cujo numero não igualão? Que numero de suicidios nos offerecem os Cantões da Suissa, cujo governo he republicano? E si na Russia he o suicidio quasi desconhecido, deve-o-á á forma de seu governo? Crêmos pois mui pequena a influencia dos systemas governativos; mas não assim a da sua estabilidade: porque as passagens de hum para outro regime causão grandes mudanças no homem, abalão e destroem suas fortunas e oppõem-se a seus interesses, e convicções. He esta nossa opiniao confirmada pela historia grega e romana; e si na Russia nunca houve tantos suicidios, que merecessem chamar-se epidemicos, he porque o seu governo tem sido estavel.

Fanatismo e seitas.—He sem duvida doloroso que o homem abusando da philosophia, e da Religião, torne o suicidio hum dogma, e se mate por principios: e com tudo he isto o que fazem os Stoicos, cujo nome desperta recordações tão honrosas para a humanidade; he isto o que fazem os Brachmanes, e os gymnosophistas! São maximas dos primeiros que o sabio viva quanto deve e não quanto possa viver — que a verdadeira felicidade não consiste em viver, mas em viver bem—que devemos constantemente me-

ditar na morte para nunca temel-a. He igualmente a insensibilidade e a indifferença huma das suas maximas; e Marco Aurelio chega a dizer que não devemos chorar com os que se affligem, porque não nos aconteça ficarmos tambem afflictos! Os Bra-chmanes, que a outros respeitos muito se afastão dos Stoicos, fazem da meditação continua da morte o ponto principal de sua doutrina. Elles considerão a dôr como hum opprobrio, que só a combustão pode expiar, e a morte natural he para elles a maior infamia. Assim, quando velhos ou doentes, precipitão-se em fogueiras para evitar a ignominia, e obter por meio de morte tão santa a felicidade eterna. Os Indios modernos julgão que em certas cidades sanctas podem tentar contra a propria existencia. Emfim, os Sianezes cuidão que he o suicidio sacrificio util á alma, e levados deste parecer, enforcão-se em huma arvore, que chamão *tou-po*. Que funestos resultados não devem ter principios desta natureza! Ficar o homem arbitro de fixar o termo á sua existencia, e desligar-se da sociedade, quando lhe approuver!

O fanatismo he huma das causas mais poderosas do suicidio, e os seus effeitos não se limitão a victimas isoladas, fazem-se sentir em povos inteiros. Quando Platão ensinou o dogma da immortalidade da alma, muitos Gregos, descontentes da fortuna, derão-se a morte, e sem duvida nós os Christãos os imitariamos hoje, si a esse dogma nossa Religião não juntasse o preceito de coragem e resignação para sermos dignos da summa felicidade. Este dogma da immortalidade da alma tambem inspirou o desprezo da morte entre os Traças, Getas, Gaullezes, Arabes, e muitos outros povos, doutrina-dos pelos Druidas e Mafoma. O mesmo Christianismo, que aconselha constantemente paciencia e submissão ás vontades de Deos, nem sempre pode suspender a mão suicida do fanatico, que delle abusa, dando-lhe falsas interpretações. Assim hum velho, não tendo filhos, suicidou-se; porque a Escriptura diz que—toda a arvore, que não dá fructos, deve ser cortada e posta ao fogo: Matheus Lovat, dominado por idéas mysticas, cortou as partes genitae, e algum tempo depois, persuadido que Deos lhe dêra ordem de morrer em huma cruz, crucificou-se. Mas não he ao Christianismo que devemos imputar estes e outros factos de suicidio; elles tem por causa a mais furiosa das paixões, o fanatismo.

CAPITULO III.

SÉDE DO SUICIDIO.

Entre os autores, que procurão estabelecer a sede do suicidio, alguns se limitão a indicall-a no encephalo ou baixo ventre sem produzir argumentos que o provem: outros a designão de maneira especial em certos orgãos ou no systema nervoso. Awenbrugger, professor de Vienna, a fixa nos hypocondrios, e propõe hum tratamento particular. Noest d'Amsterdam, e Le-Roy d'Anvers partilhão a mesma opinião: diz este que notára o figado e o baço dos individuos atacados de melancolia suicida constantemente mais grossos, duros, e com calor mais pronunciado, que no estado normal; e disso conclue a séde do suicidio nestes orgãos. Foderé menciona a opinião de Awenbrugger, e diz que tivera occasião de observar calculos biliares na visicula do fel; igual observação fôra, annos antes feita por Fourcroy. Mr. Esquirol faz a seguinte reflexão « A passagem do estio secco para o outono humido favorece o desenvolvimento das affecções abdominaes, de que não poucas vezes depende o suicidio. » Outros medicos descem á autopsia, e, segundo as lesões mais frequentes, collocão-n'a ja no encephalo, ja nos orgãos da caixa thoracica ou baixo ventre. Não obstante, a origem da melancolia suicida ainda não he reconhecida pela sciencia, o estudo, que della se ha feito ou não tem escapado ao espirito de systema, ou pára em seus progressos, aguardando luzes da anatomia pathologica. Alem destes practicos, cujas opiniões mencionamos, os outros apenas a tocão de leve, e não encontrando sempre, nos cadaveres, lesões que lh'a indiquem, julgão fôra de sua alçada; nós porém, que tomamos a séde do suicidio para fazer parte de nossa dissertação, não nos dispensaremos de apresentar algumas considerações sobre ella.

No predominio da sensibilidade, na qualidade das sensações, na acção dos principios vitaes, e não nos instrumentos das funcções nutritivas reconhecemos a origem do suicidio. Para demonstrar esta proposição não hiremos ao cadaver; a abertura dos corpos, em muitas circumstancias indispensavel para conhecermos a natureza das molestias, he quasi inutil neste caso; basta-nos para este fim a apreciação dos symptomas, porque todo o symptoma exprime desarranjo nas funcções, e só pôde ser produzido pelo agente dellas. Dous são os que se manifestão em todo o suicidio; a tristeza, o abatimento, o terror, e a inclinação diccedida pela solidão he hum d'elles; a excitação energica do physico e moral o outro. O primeiro só pôde ser produzido pela oppressão ou diminuição das forças vitaes; o segundo tem por causa indubitavel o augmento ou perversão d'ellas; da persistencia das forças neste estado anormal resulta necessariamente condições differentes para o organismo; por isso não

admira que quando este não seja immediatamente seguido do suicidio, alterações se notem em muitos órgãos; e isto mesmo he em favor de nossa opinião, pois os individuos, que se dão a morte na força de paixões vehementes, não deixão traços de lesão, onde vão assentar a sede do suicidio aquelles que a indigitão nos órgãos ou systema nervoso; então dizem que na textura, na porção mais delicada d'elles, e por isso inacessivel aos sentidos deve ella residir: reside por certo em cousa mui delicada, que não he directamente sentida, e de cuja existencia a razão não pode duvidar nos elementos da vida.

Tendo apreciado os symptomas do suicidio, nós julgamos provada a sua origem nos elementos vitaes; muitos outros argumentos com que chegaríamos a esse fim suggerem-nos as suas causas, mas sendo ocioso enumeral-as, poremos fim a nossa these com mais huma reflexão sobre a influencia hereditaria do suicidio. « A maneira mais facil de abreviar a vida, diz Hufeland, consiste em esgotar a força vital; nada he tão proprio para diminuir a somma desta como a dissipação do fluido que a contem debaixo da fórma mais concentrada, que encerra a primeira centelha de vida para huma nova creatura leva em si a origem de bens e males immensos.» E na verdade, si a força vital transmite aos filhos as affecções de seos paes, e si os filhos, que herdarão a tendencia ao suicidio, não padecem as lesões, que seus paes soffrerão, em que outra parte senão nessa força poderemos entrever a origem do suicidio?

Terminando aqui o nosso trabalho, exige o dever que nos confessemos reconhecidos a todos os nossos mestres pelas luzes, que d'elles recebemos; e muito especialmente ao meritissimo presidente da nossa these, pela muita affeição e amizade, que sempre nos mostrou.



HIPPOCRATIS APHORISMI.

I.

Quo in morbo somnus laborem facit, lethale: si verò somnus juvet, non est lethale. (Sect. 2.^a, aph. 1.^o)

II.

Ubi somnus delirium sedat, bonum. (Sect. 2.^a aph. 2.^o)

III.

Mutationes anni temporum maximè pariunt morbos: et in ipsis temporibus mutationes magnæ tum frigoris tum caloris, et cætera pro ratione eodem modo. (Sect. 3.^a aph. 1.^o)

IV.

Insanientibus si varices, aut hæmorrhoides supervenerint, insanix solutio fit. (Sect. 6.^a aph. 21)

V.

Si metus, et tristitia multo tempore perseverant, melancholicum hoc ipsum. (Sect. 6.^a aph. 23)

VI.

Ab insania dysenteria aut. hydrops aut mentis emotio bonum. (Sect. 7. aph. 5.^o)

I

Que in morbo cominus laborum facti, debetis: si vero somnus fuerit non est labor (Soc. 2.º, aph. 1.º)

II

Ubi somnus deterritus sedat, bonum. (Soc. 2.º, aph. 2.º)

Esta These está conforme aos estatutos. Rio de Janeiro 14 de Outubro de 1843.

Illustrationes ad hoc tempus maxime pertinent morbos: et in ipsis temporibus maxime
tunc magna pars pro ratione eodem modo. (Soc. 2.º, aph. 1.º)

III

Inasensibilis si rarior, aut hemorrhoides superuenient, insanae solutio fit. (Soc. 2.º, aph. 21)

IV

Si motus, et tristitia multo tempore perseverant, melancholicum hoc ipsum. (Soc. 2.º, aph. 22)

V

Ab insana dysenteria aut hydrops aut meningitide bonum. (Soc. 2.º, aph. 23)